

Olhares cruzados sobre a imigração brasileira para a guiana francesa: novas representações identitárias?

Elisabeth Baldwin
Université Fédérale de la Bahia
Université des Antilles et de la Guyane



Synergies Brésil n° spécial 1 - 2010 pp. 209-222

Résumé : *Il est question d'annoncer les premiers résultats de la recherche sur la diaspora brésilienne et ses traits identitaires émergents à Cayenne, ville-axe du Centre Culturel Guyane, Guyanes. Depuis plus de quarante ans, l'émigration brésilienne construit vers cette direction une « brésilienneté » ou latinité, très large. Il est aussi question d'étudier quelques, mais encore fragiles, traits de cette construction identitaire émergente, en diaspora. Et pour cela, il faut ramasser et réunir les histoires individuelles et collectives partie en éclats de cette communauté culturelle. Cette recherche s'intègre au projet « L'imaginaire des langues et des cultures et les cultures et les langues de l'imaginaire : développer et interpréter les nouvelles archives de l'Amérique Latine ». Cela met en évidence trois centres culturels : Guyane, Guyanes, Bahia, Bahias et le Cône sud que font partie du NEALA - Núcleo de Estudos e Arquivos Latino-americanos dont le siège se trouve à l'Université Fédérale de Bahia au Brésil.*

Mots-clés: Centres culturels; Amérique Latine; Guyane française; immigration brésilienne

Resumo: *Pretende-se noticiar os primeiros resultados da pesquisa sobre a diáspora brasileira para Caiena, cidade-eixo do Centro Cultural Guiana, guianas e seus emergentes traços identitários. Há mais de quarenta anos a imigração brasileira constrói nessa direção uma brasilidade ou latinidade estendida. Busca-se estudar alguns, ainda frágeis traços da emergência dessa construção identitária em diáspora, alinhavando os estilhaços das histórias de vida individuais e coletivas dessa comunidade cultural. Integra o projeto "O imaginário das línguas e das culturas e as culturas e línguas do imaginário: desenvolvendo e interpretando os novos arquivos da América Latina" que enfoca três centros culturais: Guiana, guiana; Bahia, bahias e Cone-Sul e faz parte do Neala - Núcleo de Estudos e Arquivos Latino-americanos sediado na Universidade Federal da Bahia.*

Palavras-chave: Centros culturais, América Latina, Guiana Francesa, imigração brasileira

Abstract: *This paper intends to present the first results of a research about the Brazilian Diaspora and its emerging identity features in Cayenne, a central city to the Cultural Center Guiana, Guianas. For more than forty years, the Brazilian immigration has been executing an extended Brazility or Latinity towards this direction. Despite their fragility, we aim at studying some features of this emerging identity construction*

in *Diaspora*. For this, it is necessary to collect and to gather individual and collective stories of this particular cultural community. This research is part of the project “The imaginary of languages and cultures and the cultures and languages of imaginary: developing and interpreting the new archives of Latin America”, which focuses on three cultural centers: Guiana, Guianas; Bahia, Bahias and the South Cone. Besides, it is also a member of NEALA - Núcleo de Estudos e Arquivos Latino-americanos, located at the Federal University of Bahia, in Brazil.

Keywords: Cultural centres; Latin America; French Guiana; Brazilian immigration

1. Palavras introdutórias

Com o fortalecimento da abordagem dos arquivos e o novo valor conferido à pesquisa da memória dos povos, passou-se a desconfiar dos estudos dos documentos como monumentos, que perpetuavam a herança de uma memória monumental e disponibilizavam-na nos museus, acervos e bibliotecas, referendando o seu caráter de monumentalidade. A *história nova* substituiu a história fundada essencialmente no texto, no documento escrito, por uma história baseada em documentos variados - escritos, orais, fotografias, filmes, depoimentos. Por outro lado, a *história nova* concentra-se, também, alongando o seu sentido, não só em grandes homens e acontecimentos notáveis, grandes culturas, cartografias e geografias estabelecidas, línguas ou idiomas nacionais e padronizados, mas também em todos os homens, seus cotidianos espaços e eventos, seus frágeis e variáveis idiomas.

Apontando para a construção de uma nova cartografia lingüístico-cultural da América do Sul, as recentes pesquisas dos Estudos Culturais têm enfatizado a realização de um novo desenho dessa sul-americanidade, mais abrangente e mais complexo - no qual se inscreveriam, além de algumas populações hispano-americanas, brasileiras, guianenses, o Caribe francófono, o Caribe espanhol e outras comunidades latino-americanas diaspóricas.

Eduardo Coutinho (Coutinho, 2004) propõe um conceito fundamental para a elaboração de qualquer história literária (ou cultural) da América Latina: o de *Centros Culturais* que seriam tanto o ponto de difusão como o de recepção de idéias, imagens, conceitos. Os *Centros Culturais* constituiriam os novos arquivos dessa americanidade que se desenha. Dessa forma, elejo, como um *Centro Cultural* da América Latina, esse espaço ampliado do Norte da América do Sul (Guiana, guianas), que ultrapassa os limites meramente geográficos, criando um espaço imaginário, além das noções tradicionais de *nação* e de *idioma nacional*, que mistura colonização francesa, inglesa, holandesa, espanhola, portuguesa, indígena, africana, brasileiras e outras e que se revela povoado, paradoxalmente, de imagens diversas, heterogêneas e transculturais. Coutinho (Coutinho, 2004), em outro momento, sugere também, que este *Centro Cultural* poderia ser constituído em torno de *idades-eixo*, cidades que tenham ou tiveram a função de pólos estratégicos de influência simbólico-cultural, a exemplo ou de *Manaus*, ou de *Belém*, ou de *Macapá*, ou de *Caiena*, ou de *Georgetown* ou

de *Paramaribo*. Assim, além de se constituir como pólo de articulação entre a geografia e a história, poderia promover a relação entre outros campos do saber, que transitassem entre o imaginário oriundo do contato entre suas línguas e culturas ou entre as culturas e as línguas inscritas nesse imaginário.

Desenvolver possibilidades para o estudo desses *novos arquivos* - literatura oral, escrita e outros documentos - apontaria para indicadores de uma história não progressiva, deslinearizada, descontínua, não-monumental, uma nova história cultural, construída pela emergência de novos perfis identitários e todos seus entornos bem como por uma memória ainda não nomeada nem descrita.

Essa perspectiva pode ser explorada pela história cultural, discussão que voltou à baila com os questionamentos ligados ao conceito de *nova história* de Le Goff (Le Goff, 1997), que vai buscar reforço em Roger Chartier, Peter Burke, Carlo Ginsburg, Natalie Zemon Davis (Pons & Serna, 2005), agregando o pensamento do cotidiano de Michel de Certeau (Certeau, 1994) desenhando uma rede, um colégio invisível de diálogos entre produções de intelectuais de centros de pesquisa e universidades da França, Inglaterra e Estados Unidos e de outras regiões, que vem se constituindo como centros de pesquisa ao longo das últimas três décadas.

Eleger como trajeto de pesquisa a história cultural significa eleger um grupo cultural, motivado por uma prática cultural que mantêm seus integrantes reunidos por um sentimento de pertencimento e que, conseqüentemente, desenha um espaço simbólico e representativo dessa cultura.

Lyn Hunt (Pons & Serna, 2005) denomina a nova história cultural como um estudo centrado nas práticas culturais, que investigadores como Jacques Revel e sobretudo Roger Chartier mostraram claramente tais orientações, evidenciando, também, a influência de Michel Foucault.

Tanto a Antropologia como a Teoria Literária, disciplinas que reivindicaram para si os estudos da nova história cultural, conforme Lyn Hunt (Pons & Serna, 2005), manteriam um ponto em comum: tomar a linguagem como metáfora e, em última instância, reconhecer a representação como conceito capital. Assim, tanto a literatura ou a arte, como a história cultural teriam uma posição similar em relação aos seus objetos de estudo e ao mundo em geral. Como exemplo, historiadores como Natalie Zemon Davis, entre outros, haviam utilizado, com bons resultados, a análise do discurso como comprova seu texto *Fictions in the Archives*, dedicado a estudar as cartas de perdão na França do século XVI (Pons & Serna, 2005, p.175).

A par desses estudos, elejo as histórias de vida dos brasileiros que imigraram para Caiena há mais de quarenta anos, como caminho para uma história do cotidiano dessa comunidade diaspórica, conforme a proposta do sociólogo F. Ferraroti, na sua obra *História e histórias de vida, o método biográfico das ciências sociais* (Ferraroti, 1983) e a proposta dos lingüistas com as *biografias de linguagem*. Assim, tanto a história cultural como a lingüística e a literatura utilizarão o mesmo *corpus* - as histórias de vida - como material de análise.

Pouquíssimos trabalhos existem sobre esse fato, apenas duas ou três monografias/teses acadêmicas em universidades brasileiras. Pretendo, registrar e interpretar, então, esses frágeis traços identitários em diáspora, essa brasilidade ou americanidade estendida, através da colagem dos estilhaços dessas histórias de vida individuais e/ou coletivas.

2. A propósito do povoamento da Guiana Francesa: uma história de imigração

Durante os dois primeiros séculos de colonização da Guiana (XVII e XVIII séculos), os franceses não dispunham dos recursos humanos necessários para a ocupação da totalidade desse espaço. Além disso, a política da França em relação aos ameríndios, a simpatia dos franceses pelos autóctones e a vontade do rei de França de não fazê-los escravos, instituiu um tratamento particular em relação aos ameríndios da Guiana - a coexistência pacífica - durante o curso desses dois primeiros séculos da colonização. Inicialmente, foram feitos acordos com os Galibis (os Kaliña, habitantes da região costeira) para que abdicassem da região da Ilha de Caiena em favor dos franceses em troca de ajuda e assistência em relação às suas atividades econômicas de extração, - caça e pesca - bem como da autorização de livre comércio e da promessa de jamais endereçarem operações militares contra eles.

A política francesa em relação aos ameríndios, além de diversas instruções Reais, foi desenvolvida com mais intensidade pela prática social dos missionários capuchinhos e, depois, jesuítas. Conforme Serge Mam Lam Fouck (Mam Lam Fouck, 2002), desde a chegada dos franceses, no início do século XVII até o final da Segunda Guerra Mundial, dos 30.000 ameríndios que habitavam o solo guianense, apenas cerca de mil sobreviveram ao choque de civilizações.

O povoamento da Guiana pelo comércio dos negros estendeu-se por mais ou menos dois séculos (1652-1831). Seu ritmo foi particularmente lento. Dependia da evolução do número de compradores e das suas capacidades financeiras. O mercado de escravos na Guiana jamais conheceu a mesma atividade que o das Antilhas, Brasil ou Suriname. A Guiana recebeu apenas uma ínfima parte do fluxo de escravos africanos no Atlântico - século XVII ao XIX. Mas a desproporção que existia entre a massa de escravos e o reduzido número de proprietários de escravo (*les maîtres*), de um lado e, a natureza das relações de dominação existente entre proprietários e escravos, de outro lado, poderiam alinhar a escravatura guianense com o conjunto do continente americano.

O sistema escravagista na Guiana mantinha no seu estatuto, um espaço para os escravos libertos ou 'gente de cor livre'. Os escravos crioulos tinham mais chance que os escravos africanos de serem libertados; os mestiços, porque eram filhos de brancos, mais possibilidades que os negros. O acesso à liberdade foi limitada durante os séculos XVII e XVIII e mais aberto na primeira metade do século XIX pelo efeito da grande contestação ao sistema escravagista. No restabelecimento da escravatura, 1802, Napoleão acentua a segregação existente, interditando os casamentos entre brancos e pessoas de cor, depois que o *Code Noir* já os havia autorizado, porque os mulatos, filhos de brancos e negros, insurgiam-se e lutavam por uma igualdade com os brancos, embora dentro de uma perspectiva totalmente assimilacionista.

Como resistência ao sistema escravagista, ocorriam práticas de feitiçaria, envenenamentos, formação de quilombos de resistência e revoltas armadas contra as habitações. No entanto, as revoltas dos escravos na Guiana não tinham a dimensão das revoltas no Suriname, por exemplo, como os grupos armados dos Saramacas, Djuka ou Bonis.

Do século XVIII ao XIX, o estado francês lança vários projetos de colonização 'branca'. Colonos, militares, religiosos e administradores passam a gerir a colônia na qual a maioria da população é constituída de integrantes do mundo tropical. A classe social dos brancos soma, ao fim do sistema escravagista, um pouco mais de 2.000 pessoas em 1842.

Após o anúncio do decreto de 27 de abril de 1848 que abolia definitivamente a escravatura, em substituição à antiga sociedade dominada pelos brancos surge uma outra classe dirigente, composta essencialmente por crioulos, produto de uma lenta modificação da composição étnica e social da classe dirigente. Uma burguesia crioula substitui progressivamente uma classe dirigente branca.

Conforme o historiador Serge Mam Lam Fouck (Mam Lam Fouck, 2002), ao contrário das Antilhas francesas (Guadalupe e Martinica), da Reunião, dos países Caraíbas e das Américas que conservaram até nossos dias uma classe social dirigente de brancos crioulos, na Guiana, ao contrário, a classe dirigente continua sendo de negros crioulos. Conforme o mesmo pesquisador, o termo crioulo hoje foi alargado, pois, na Guiana, atualmente, designa tanto os mulatos do Antigo Regime, os negros libertos em 1848 como os imigrantes de todas as raças e origens. Os crioulos da Guiana, diz o pesquisador, são essencialmente mestiços de origens variadas. É importante que se registre que, embora o conceito seja inovador e produtivo, as representações que esses grupos têm de si e dos outros ainda se mantêm dentro de um enquadramento segregacionista e reacionário.

Os dois novos grandes projetos de povoamento branco, a *expedição de Kourou* e as *prisões* (1850-1930) trouxeram características específicas para a situação demográfica da Guiana. Um projeto trazia embutido o interesse da monarquia francesa de redistribuir suas forças na América, depois das perdas na guerra dos Sete anos; o outro, reforçava o desejo do segundo império de achar uma solução para os milhares de condenados das prisões metropolitanas.

Verdadeiramente foram três séculos de tentativas de povoamento branco na Guiana (1652-1956). A Guiana chegou a pagar cento e sessenta e cinco francos, na época, por imigrante. Assim aportaram na Guiana alguns portugueses da Ilha da Madeira, indianos, chineses somando de 1849 a 1877, 11 244 trabalhadores. Leis protegiam a imigração, favoreciam estadas mais longas (de 5 a 7 anos) e encorajavam a instalação definitiva.

A partir da descoberta e exploração das minas de ouro na Guiana, uma imigração espontânea começa a se desenvolver. No início de 1880, antilhanos, brasileiros, holandeses (surinamenses) aportam na Guiana. Também os crioulos de Santa Lúcia, crioulos de nacionalidade inglesa, grupo antilhano mais numeroso descobre a Guiana no tempo do sonho e das misérias do garimpo. Outros pequenos grupos como libaneses, indonésios, outros chineses e alguns indianos vêm algum tempo depois.

Em 1961, com 33.295 habitantes, a Guiana era o território de menor densidade populacional de toda a América, mas igualmente aquele que recebeu o maior fluxo de imigrantes. Assim, os imigrantes representavam, nesse momento mais da metade da população colonial. Pode-se dizer que a Guiana pôde se construir devido à imigração e que não há como negar a importância desse processo no desenvolvimento da Região.

A lei de 19 de março de 1946, votada pelo parlamento francês transforma as quatro velhas colônias - Martinica, Guadalupe, Reunião e Guiana - em departamentos ultramarinos. Essa mudança política que, conforme o historiador Serge Mam Lam Fouck, “traduzia uma nova política colonial francesa, que todos os habitantes da região deveriam gozar dos mesmos direitos e deveres dos cidadãos da França metropolitana” (Mam Lam Fouck, 2002). O nível de vida dos franceses da Europa - os metropolitanos - deveria ser, a partir de então, a referência da política social professada na Guiana como também nos outros departamentos ultramarinos. Mas o fosso entre as condições de vida dos guianeses e a dos metropolitanos era muito grande. Assim, na opinião do mesmo pesquisador (Mam Lam Fouck, 2002) o projeto departamental surgia como uma caricatura. Aos poucos as iniciativas do governo francês endereçadas à alimentação, à saúde pública, à educação, ao incentivo à natalidade foram sedimentando melhores condições de vida.

De acordo com a leitura de Serge Mam Lam Fouck (Mam Lam Fouck, 2002), o povoamento que ocorre durante a segunda metade do século XX responde, efetivamente, às necessidades de implementação do funcionamento e do desenvolvimento da base espacial de Kourou. Desde trabalhadores altamente qualificados até mão-de-obra de sustentação do empreendimento (agricultura, pesca, indústrias diversas, serviços) foram necessários em Kourou. Mesmo a renovação da exploração do ouro exigiu novo contingente de trabalhadores. Assim, uma imigração de origem europeia se coloca lado a lado com outra, vinda dos países menos favorecidos.

A vila espacial tem dado à Guiana uma outra imagem e ela passa a ser uma região atrativa para o movimentos migratórios recentes provenientes da América do Sul, das Caraíbas, da França e de certos países da Ásia. Surinamenses, brasileiros, colombianos, haitianos, chineses (sul da China), Hmong (Laos), metropolitanos, antilhanos constituem os novos imigrantes. Os brasileiros vêm em geral do Amapá e do Pará via avião ou atravassando a fronteira de Saint-Georges-de-l’Oyapock; os haitianos, a comunidade mais numerosa, vêm como turistas e atingem mais ou menos 13.457 habitantes. Os metropolitanos constituem o segundo grande grupo dessa nova população - 13.403. Os antilhanos, a mais antiga da Guiana, atinge o número de 5.107 pessoas. Conforme o referido pesquisador tais dados são de 1985 para os haitianos, 1990 para os metropolitanos e 1982 para os antilhanos.

Assim, os últimos trinta anos contribuíram para que a população quadruplicasse (1961 - 33.295 habitantes; 1995 - 157.213).

No período de 1975-1985, quando o fluxo migratório foi mais forte, surgem reações de rejeição a essa imigração massiva, que é vista agora como prejudicial à existência do povo guianense.

As primeiras grandes operações de expulsão dos imigrantes em situação irregular, que engrossa as fileiras guianenses, começaram em 1982. Houve operações policiais responsáveis pela expulsão de 10.000 pessoas em 1983-1994 e de 15.000 em 1995. A imigração passa, então, a ser mais controlada.

Pode-se dizer, então, que a história da Guiana foi construída por movimentos de imigração constantes, os *provocados* pela sua necessidade colonialista de povoá-la ou os *espontâneos* motivados por empreendimentos como o garimpo, a implantação do pólo espacial de Kourou ou busca de melhores condições de vida simplesmente.

3. Presença brasileira na Guiana Francesa: *flashes* de uma diáspora

A partir da década de 60, a presença brasileira na Guiana francesa começa a se fazer notar. Conforme Serge Mam Lam Fouck (Mam Lam Fouck, 1992), em 1967 eram 987 brasileiros. Tal número, conforme estimativas, aumentou para 3000 em 1975 e para 5.300 em 1985. Hoje, pode-se estimar que um quinto da população guianense é brasileira ou de origem brasileira: brasileiros, filhos de brasileiros ou netos de brasileiros.

Assim, dentre os 200 mil habitantes da Guiana francesa, 20 mil são brasileiros legalizados. O Itamaraty acredita que outros 50.000 vivem ilegalmente no país, logo, a hipótese de que 1/5 da população guianense é brasileira ou de origem brasileira vai criando relevo.

Os movimentos migratórios brasileiros que, no início do século XX, tinham como direção as capitais do centro do Brasil, como Rio Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, após o esgotamento de recursos de emprego e habitação desses centros urbanos do país, redirecionaram-se para múltiplos destinos fora do país como Américas, Europa e Ásia, Austrália e Nova Zelândia. O sonho de buscar melhores condições de vida e emprego alterou o fluxo migratório brasileiro, distribuindo pelo mundo os núcleos migratórios que se instalavam anteriormente no centro do país.

Ao ultrapassar as fronteiras geográficas e idiomáticas, esses núcleos de origem brasileira foram alinhavando um *continuum* identitário variável, diversificado e criando microclimas culturais e lingüísticos inesperados e originais.

Os brasileiros, então, já faziam parte da primeira leva de imigrantes para o Centro Espacial de Kourou, dentre outros europeus, guianenses, europeus, antilhanos, surinamenses e colombianos e hoje, russos e outras etnias conforme o historiador Serge Mam Lam Fouck (Mam Lam Fouck, 2002).

Tais brasileiros vinham geralmente do Amapá e do Pará e eram contratados pelas empresas do referido Centro Espacial, vinham de avião e permaneciam com salários estáveis e razoáveis condições de vida recebendo primeiramente em francos franceses e depois em euros.

A proximidade da fronteira, a pressão demográfica do nordeste brasileiro, a falta de emprego e de melhores condições de vida, nos anos seguintes levaram os

brasileiros a investir na imigração, mesmo clandestina. Atravessando a fronteira, alguns ficavam em Saint-Georges-de-l'Oyapock, onde praticamente não havia fiscalização. Outros viviam em pequenos grupos na floresta guianense e, após a construção da estrada até Caiena, uma grande parte dirigiu-se para a capital. Os homens geralmente trabalhavam como pescadores, marceneiros e pedreiros e as mulheres como cozinheiras, faxineiras e prostitutas. A regularização de sua situação ocorria progressivamente por contratos de trabalho, ou por casamentos com pessoas de nacionalidade francesa, e, depois de mais ou menos dez anos de renovação de sua *Carte de Séjour*¹ poderiam torna-se cidadãos franceses e receberiam as várias ajudas financeiras e médicas que o governo francês oferece aos franceses em geral.

Atualmente, quando o cerco aos imigrantes torna-se mais agressivo, os imigrantes ilegais são freqüentemente deportados, no entanto, a maioria volta novamente, pois principalmente a indústria da pesca e da construção civil contrata esses brasileiros por trabalhos temporários e eles, ganhando em euro, vão construindo o seu pequeno patrimônio.

Podemos dizer, então, que os brasileiros na Guiana podem ser reunidos em grupos com determinadas especificidades:

- a) Os primeiros brasileiros que vieram através de contrato legal e já construíram seus vínculos familiares, religiosos e comunitários, falam português e francês, escrevem pouco em português e em francês, dos quais a maioria volta depois da aposentadoria para viver em suas cidades de origem;
- b) Os brasileiros que vieram nos últimos dez anos e foram legalizados pelo casamento, constituíram família, os filhos estudam e recebem educação francesa; esses brasileiros falam uma variante popular do português e falam uma variante rudimentar do francês, escrevem pouco o português e não escrevem o francês e pensam em consolidar uma vida familiar e patrimonial na Guiana;
- c) Os brasileiros que vieram nos últimos dez anos, têm contratos temporários de trabalho e esperam por uma *Carte de séjour* mais longa; pensam em voltar ao Brasil e vão construindo seus patrimônios nas suas regiões de origem (a travessia do Oiapoque é uma imagem desse fato). Falam variantes do português do Brasil de menor prestígio, escrevem muito pouco a língua materna e apenas falam rudimentos do francês;
- d) Os brasileiros que vieram antes dos últimos dez anos, sem contrato de trabalho, já estão legalizados, habitam em comunidades familiares (avós, pais, filhos, bisnetos) com relativo conforto em casas que foram invadidas ou construídas em terrenos invadidos e que vivem das várias ajudas financeiras fornecidas pelo governo francês (uma quantia por cada filho, auxílio desemprego, auxílio velhice, auxílio aposentadoria, além do auxílio moradia) e não pensam em voltar para o Brasil.
- e) Os brasileiros ilegais que vivem de biscates e habitam verdadeiras favelas ou até regiões da floresta do lado francês, que vão e vem continuamente, e tem sua base familiar no Brasil, pouco falam rudimentos do francês e falam sua língua materna nas variantes de menor prestígio, não escrevem nenhuma das duas línguas.

O problema que se coloca é que não há ainda dados visíveis dessa imigração que ocorre há quarenta anos e que é muito sofrida e cheia de conflitos identitários. Muitos brasileiros ilegais atravessam a fronteira de barco ou pela mata amazônica

conduzidos por atravessadores que já construíram trilhas por dentro da floresta. A travessia, chamada “varação/vareio”, conforme entrevistada brasileira de dezessete anos, é paga em euros, leva seis a sete horas a pé e está sujeita aos mais diversos perigos. A travessia perfaz somente o trecho onde há fiscalização policial francesa. Os atravessadores pegam seus ‘atravessandos’ antes do posto de fiscalização e os deixam na estrada, após o posto, para depois serem conduzidos por familiares até Caiena ou Kourou. Conforme depoimento de um informante, é possível fazer o trajeto desde São Jorge até Caiena pelo mato em cinco dias, mas é preciso ter resistência, saúde e vontade.

Existem apenas estimativas e, portanto, desconhecimento quase total sobre os modos de viver, de crer, de narrar desses núcleos de brasilidade. Os jornais locais de um lado e do outro da fronteira, ocupam-se de contar essa história através dos conflitos entre policiais e imigrantes. Por outro lado, há um imaginário depreciativo e preconceituoso dessa população brasileira em diáspora. No imaginário dos próprios brasileiros ocorrem representações identitárias bastante ambíguas. Alguns deles, talvez para fugir ao preconceito, estão já assimilados pela visão francesa, considerando-se franceses e rejeitam conviver com seus próprios compatriotas. Outros não, enfatizam a sua nacionalidade brasileira e são solidários.

Assim, pretendo com este trabalho de pesquisa, trazer à tona as vozes desses brasileiros, entrevistá-los, recolher memórias de vida, fotos, cartas e observar as representações de pertencimento que eles têm de si mesmos e as representações que os outros constroem sobre eles. Talvez até, desconstruir esse olhar preconcebido e preconceituoso, sobre os brasileiros, que se instalou nesse *Centro Cultural*.

4. Alinhavando os estilhaços de algumas histórias de vida

Alinhavando alguns estilhaços das histórias de vida da diáspora brasileira na Guiana, tentarei desenhar esse espaço de brasilidade/latinidade estendida.

Meu nome verdadeiro é Altiva dos Santos, sessenta anos e tenho este ponto aqui no Mercado há doze anos. Vim de Macapá em 1989. Todo mundo me chama de tia Yaiá. Sou católica e não frequento igrejas. Rezo em casa mesmo. Vim com visto, de avião e no início fiquei na casa de minhas irmãs que viviam aqui e trabalhavam em casas de família. Vim com a filha e a neta que tinha apenas um mês e quinze dias. Hoje, minha neta, Débora, é o meu braço direito aqui. Trabalho quartas, sextas e sábado. Vendo lanches e comidas brasileiras. Os brasileiros que moram aqui vêm sempre comer minha comida. Existe muita inveja dos brasileiros. Coloquei esta tabuleta aí para espantar os maus olhados. O pior é o dessa vizinha brasileira com o ponto ao lado do meu e que quer me derrubar. Acho os guianenses racistas, mas os brasileiros são muito invejosos. É preciso ter cuidado. Vivo de meu trabalho. Trabalho três vezes por semana. Nos demais dias, cuido da minha casa e descanso. Já não posso trabalhar como antes. Vivo melhor aqui que no Brasil. O governo francês ajuda muito. Às vezes, vou de férias para as praias de Belém. Já tive vários companheiros aqui, hoje estou com um africano bem mais jovem que eu. Estou tentando fazer seus papéis e trazer seus familiares para cá. Está muito difícil.

Meu nome é Lucilene da Silva Pinto. Eu tinha dezessete anos, fazia o 1º ano do 2º grau. Trabalhava num salão nas Docas em Belém. Vi aquele homem me olhando muito. Seguiu-me até o salão. Fez a barba, unhas e cabelo. Ele era dez anos mais velho que eu, morava na Guiana francesa e estava de férias no Brasil. Seu nome era Alex Didier e trabalhava nas Docas na Guiana. Começamos a namorar, fiquei grávida da minha filha e ele foi transferido para a França. Dois anos depois, quando ele voltou para a Guiana me convidou para morar com ele. “Antes se casamos em Belém”, pois casar na Guiana é muito complicado. Sou evangélica, da Igreja Assembléia de Deus. Era católica no Brasil, mas na Guiana conheci Assembléia através de uma amiga e gostei. Agora trabalho das 7h às 11h como faxineira na Universidade e recebo a metade do Salaire minimum (Smic). Além disso, conto com trezentos euros Revenue minimum d’insertion (Remi), pois estou separada de meu marido, mais quarenta e cinco euros por minha filha. Morava em uma casa de três quartos perto do aeroporto. Não agüentei mais ficar com meu marido, pois ele vive com outras mulheres, sempre brasileiras, pois ele ama brasileiras. Hoje, depois de quinze anos aqui, já me sinto mais francesa que brasileira, embora ache os brasileiros mais calorosos com sua família e com seus filhos do que os guianenses. Me acostumei com a Guiana. Só penso em voltar para o Brasil de férias. Falo francês para o gasto, não escrevo. Quero aprender melhor o português e o francês.

Eu sou Fernando da Silva, tenho trinta e cinco anos, sou amigado com uma brasileira de cinqüenta e quatro anos e moro aqui em Cabassou. Vim de Caciporé, no Amapá, perto do Oiapoque, de canoa quando ainda tinha dezessete anos. Era ainda o tempo do franco francês e era mais fácil atravessar a fronteira. Vim novamente com vinte e oito anos, daí encontrei outra realidade. A polícia nos caça como bichos. Eles vêm com doze carros de polícia (Paf), entram nas casas e prendem as pessoas que não têm papéis. Eu já fui deportado oito vezes. Cheguei ontem novamente. Levei cinco dias caminhando pelo mato. Só saio de casa para trabalhar e ir à igreja. Sou da Universal. Sou pintor e ajudante de pedreiro. Ganho mais ou menos oitocentos euros por mês. Não gosto dos guianenses, acho que eles são racistas. Quando nos deportam, ficamos presos por alguns dias. A comida é péssima. Eles rasgam nossos passaportes e estupram nossas mulheres na prisão. Só falo algumas frases em francês, mas dá para sobreviver. Aqui no bairro, a maioria é brasileiro. Em casa falamos português. Não tenho mais familiares no Brasil, mas gostaria de comprar uma fazendinha lá para trabalhar, pois já trabalhei muito com gado no Brasil.

Nós somos a família Pantoja. Meu nome é Francisca Pantoja. Tenho quarenta anos. Somos três irmãs, minha mãe, que veio primeiro, nossos filhos e nossos netos. O menor de todos que é neto da minha irmã tem só dois meses. Moramos aqui neste lugar da Praia de Remy que se chama Point du Mayory. É um canto de terra, perto do mar. Construímos nossas casas, a de minha mãe e as nossas três casas, três irmãs. Depois fomos aumentando para os netos que já têm seus filhos. E fizemos esse grande campo de futebol aí ao lado, que é a diversão dos homens da nossa família. Nós todas vivemos do auxílio que a França dá para as mulheres sozinhas desempregadas com filhos. Mesmo que tenhamos companheiros e eles trabalhem, nós estamos registradas como mulheres sozinhas e recebemos auxílio do governo francês. Vivemos do auxílio do governo francês por cada filho e minha

mãe já recebe dinheiro de aposentadoria. Vivemos bem aqui. Hoje não nos misturando com os guianenses. Eles são muito desconfiados. Temos parentes em Macapá que vêm nos visitar e trazem provisões alimentícias de lá. Eles vêm de vez em quando e sempre arranjam um jeito de passar na fronteira.

Tenho cinqüenta e sete anos, sou casado há trinta e cinco, meus filhos estão encaminhados no Brasil e meu nome é Dorico Miranda da Silva. A senhora me encontrou aqui na agência de viagem em Caiena vendendo pastéis e coxinhas, mas faço de tudo: desde ajudante de pedreiro, artesão, jardineiro e até barbeiro. Ganho por volta de 1000 euros por mês. Aqui nesta agência é um dos meus pontos de venda. Trabalhei desde 1975 até 2000 em São Paulo como pedreiro, vigilante, ajudante geral. Sou do Piauí e lá deixei minha família, durante esses vinte e cinco anos. Voltava sempre que podia. Em 2003, resolvi com minha mulher vir para cá. Vim ilegal. Naquele tempo entrava de navette (transporte rodoviário pequeno) tranquilamente. Tirava o visa de três em três meses ou em Belém ou em Macapá, vinha e voltava. Moro no bairro llêt Malouin, na casa de uma pessoa amiga, de favor. Espero a convocação há seis anos para fazer a Carte de Séjour, de tempos em tempos trocam o meu recepissé para que eu não fique ilegal. Não tenho nada no Brasil e trabalhei a vida toda. Aqui se consegue alguma coisa e é muito melhor que em São Paulo. Ainda não sei se fico aqui definitivamente ou não.

Me chamo Leônidas Joaquim da Silva Filho, tenho trinta e oito anos. Sou do interior do Pará. Meu pai veio primeiro, era garimpeiro, fez muitos serviços, até instalar-se aqui em Cacao como caseiro na Escola São Paulo. Quando eu tinha vinte e sete anos, meu pai pediu um visto de turista para mim e, assim, deixei o meu trabalho de camelô em Belém, na Rocinha. Assim, ia e vinha com visto de turista e trabalhava três meses no garimpo e depois voltava. Daí recebi os papeis como garimpeiro, mas fui trabalhar em Cacao nas plantações de ananás, rambotã e leitchi, as duas últimas são frutas exóticas da região asiática. Depois consegui emprego no mercado de uma chinesa aqui em Cacao e tive de deixar o emprego porque comecei a viver junto com a irmã dela, futura herdeira do negócio e para não dar o que falar, busquei outro trabalho. Atualmente, trabalho como caseiro, fazendo serviços gerais numa escola de freiras chamada São Paulo. Meu pai trabalhou lá durante muito tempo e agora quando se aposentou, fiquei no seu lugar. Ganho 1.100 euros. Quando viajo para o Brasil, posso comer em bons restaurantes e gasto muito. A minha companheira me ajuda muito financeiramente e eu também ajudo a fazer as compras do Mercado. Não gosto da Guiana, há muita gente falsa aqui, principalmente os brasileiros. Só estou aqui, porque é daqui que tiro o meu sustento. Cuido de minha mãe no Brasil e dou pensão a três filhos brasileiros. Falo francês, português e um pouco de chinês, mas sou brasileiro e um dia voltarei para o Brasil.

Eu me chamo Chantal Legrand, tenho quarenta anos, sou de origem Kaliñ'a, e hoje sou francesa, pois nasci na Guiana francesa. Sou órfã, fui educada por freiras. Aos quinze anos fui para a casa das minhas irmãs que também foram educadas por freiras na França. Quando tinha dezessete anos vim passar férias na Guiana e conheci meu marido que também é ameríndio Kaliñ'a. Há sete

grupos ameríndios na Guiana: Kaliñ'a, emérrillon, palikour e outros que não me lembro agora. Como fui educada pelas freiras não sabia nada da minha origem ameríndia. Fui conhecer a história ameríndia mais tarde, quando morei com minha sogra em Mana. Trabalhei quinze anos numa agência de ambulância e tive um acidente de trabalho e hoje sou portadora de deficiência e recebo um salário do seguro saúde. Moro em Caiena há vinte e cinco anos. Meu marido é funcionário do governo francês. Não tenho filhos. Eu e meu marido temos uma vida cômoda. Sobre os brasileiros da Guiana tenho três opiniões: primeiro, há os brasileiros ilegais que vêm para sobreviver e que trabalham e têm direito de receber o seu dinheiro; segundo, há os brasileiros ilegais que vêm apenas para receber dinheiro do governo francês e não trabalham; terceiro, os brasileiro que possuem lojas de jóias ou outros e são legais e pagam os impostos. Os brasileiros amam a festa, cozinham bem e são afetuosos, pois os guianenses não são. Eu ajudo muito os brasileiros que querem trabalhar. O que não aceito é pagar imposto para que o governo dê aos brasileiros ou outros imigrantes que não trabalham. Pagamos muito imposto por isso.

5. À maneira de conclusão: algumas hipóteses sobre as representações/imaginário dos brasileiros nesta trajetória diaspórica.

Conforme depoimentos nas histórias de vida de informantes brasileiros que residem em Caiena há menos de dez anos, na Guiana pode-se viver melhor do que no Brasil se houver emprego. Os guianenses são vistos como desconfiados, fechados a amizades, exploradores do trabalho brasileiro. Carregam o estigma de ladrões, exploradores, aproveitadores ou para o sexo feminino, mulheres de vida fácil. A maioria trabalha em serviços considerados pelos guianenses, trabalhos de “escravos” ou de “apenados”, porque quem, historicamente, fazia trabalhos manuais na Guiana eram os escravos e os presos. Por isso, a elite guianense recusa-se a fazer trabalho braçal. Há uma grande busca por um cargo público pago pelo governo francês. A maioria dos brasileiros, em Caiena, habita em bairros como *Ilet Malouin* e *Cogneau* ou *Cabassou*. Dentro dessas comunidades - de invasão - há casas melhores alugadas a brasileiros que mantêm emprego regular e há também verdadeiros cortiços que reúnem os brasileiros ilegais. Normalmente, eles casam com brasileiros, naturalizados franceses, aqueles filhos de brasileiros que nasceram na Guiana ou que para lá foram muito pequenos. Há casos de brasileiros casados com crioulos surinameses e crioulos guianenses. Casos de brasileiros casados com franceses metropolitanos há bem menos. A maioria desses brasileiros, conforme depoimentos de entrevistados, veio pela fronteira do Oiapoque em barcos - *catraias* - por água, ilegalmente, através de subterfúgios outros, trazidos por brasileiros ou por “varação/vareio”, como citei anteriormente. Esses brasileiros voltam continuamente ao lado brasileiro, Oiapoque, compram seus mantimentos lá, trazem alimentos e roupas para vender à comunidade brasileira na Guiana. Falam razoavelmente o francês, não sabem escrevê-lo, falam uma variante lingüística brasileira popular e escrevem muito pouco na sua língua natal, se escreverem é dentro da mesma variante lingüística brasileira popular falada. Professam crenças brasileiras, o catolicismo e as igrejas evangélicas. Frequentam, na maioria, igrejas evangélicas como Assembléia de Deus, Universal do reino de Deus e Adventista. Representam-se brasileiros, cultivam hábitos e costumes brasileiros

entre família, possuem televisão com canais brasileiros. Sua diversão maior é reunir-se para comer e beber em grupos, em famílias ou acampar para usufruir das belas paisagens tropicais guianenses.

Normalmente, trabalham na pesca artesanal, ganham em média 100 a 800 euros por mês ou trabalham na pesca industrial ou na construção civil recebendo por volta de 1000 euros por mês. Somente os trabalhadores legais, de empresas confiáveis, ganham o salário previsto pela legislação, o Smic. As mulheres trabalham como domésticas e recebem menos de 500 euros por mês. Outras fazem serviços independentes de faxina, cuidado de crianças e feitura de unhas, vão às casas das clientes e cobram por horas trabalhadas.

Já os brasileiros que estão há mais de dez anos ou vinte ou trinta anos estão mais estabilizados e buscam atingir um *status* de vida melhor, possuem carro, mesmo alugando casas, vivem melhor porque possuem um salário regular e a cidadania francesa. Seus filhos já estudam nas escolas e universidades francesas, falam e escrevem o francês e o português, entendem os crioulos falados na Guiana. Esses brasileiros sentem-se, para algumas coisas, brasileiros, para outras, franceses. Tentam aliar-se aos guianenses e, às vezes, discriminam os brasileiros que estão ilegalmente aqui, devido a sua má reputação e os seus problemas com a polícia.

Há brasileiros que já se aposentaram, voltaram para suas famílias no Brasil, deixaram os filhos e netos na Guiana e vivem com sua aposentadoria no Brasil, preferem agora, o estatuto de serem brasileiros respeitados, embora vivendo com o dinheiro da aposentadoria francesa e dos rendimentos das propriedades que construíram no Brasil.

Uma das hipóteses que se defende é a de que os novos desbravadores/bandeirantes são hoje esses brasileiros que, não encontrando alternativas de melhor futuro no Brasil, jogam-se fronteiras afora para cavar com suas próprias mãos, uma outra alternativa de sobrevivência, mais digna e mais justa, mesmo que os primeiros tempos sejam de luta, humilhação, perseguição e muito trabalho, mas se pode dizer que, ainda, alimentam e lutam por um sonho. Suas práticas culturais são diversas, pois também são diversos os grupos de brasileiros que lá estão. Podemos dizer que os brasileiros que têm emprego fixo ou que são casados com franceses transitam entre uma cultura e outra ou entre uma língua e outra. Conhecedores de ambas práticas culturais, aperfeiçoaram-se mais em transitar entre elas do que especificamente situar-se em uma ou em outra. E por isso, constroem uma identidade em errância ou em trânsito, porém, mais alargada, mais experiente, transcultural. Os demais brasileiros, aqueles que vivem do dinheiro do governo francês ou que estão ilegais no país, constroem verdadeiros guetos e dificilmente misturam culturas e/ou línguas. Podemos dizer, generalizando, que esse grupo constrói uma identidade brasileira diferente daquela que deixaram para trás no Brasil: mais fechada e centrada no núcleo familiar

Notas

¹ Documento que permite a estada legal de estrangeiros na França.

Bibliografia

- Bernd, Z. 1998. *Escrituras Híbridas. Estudos em Literatura Comparada Interamericana*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS.
- Baldwin, E. 2009. Guiana, guianas - centro cultural da América Latina. *Caderno de resumos. II Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia*. Belém: PPGL-UFPA.
- Carpentier, A. s.d. *Literatura e Consciência política na América Latina*. Tradução de Manuel J. Palmeirni. São Paulo: Global.
- Certeau, J. 2001, *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 6. ed. Tradução de Ephreaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- Chartier, R. 2006. *Escribir las prácticas*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial.
- Coutinho, E. 2004. Remapeando a América Latina: para uma nova cartografia literária no continente. *Geografias literárias e culturais: espaço/temporalidades*. Org Gilda Neves Bittencourt/ Léa dos S. Masine/ Rita T. Schmit. RS: URGs.
- Durand, G. 2004. *O imaginário - ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Lévié. 3ª ed. Rio de Janeiro : DIFEL.
- Le Goff, J. 1997, Documento/Monumento. ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*: 1. memória-história. Tradução de Suzana Ferreira Borges. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda.
- Le Goff, Jacques et al. (orgs), 1990. *A nova história*. Trad. Maria Helena Arinto e Rosa Esteves. Coimbra: Almedina.
- Lézy, E. 2005. *Guyane, Guyane : une géographie « sauvage » de l'Orenoque à l'Amazone*. Paris : Belin.
- Mam Lam Fouck, S. 2002. *Histoire générale de la Guyane*, Cayenne, Ibis Rouge Editions.
- Mam Lam Fouck, S. 1992. *Histoire de la Guyane contemporaine, 1940-1982. Les mutations économiques, sociales et politiques*, Paris, Editions Caribéennes.
- Mam Lam Fouck, S. 1997. *D'chimbo. Du criminel au héros, une incursion dans l'imaginaire guyanais*. Cayenne, Ibis Rouge Editions.
- Mam Lam Fouck, S. 1998. *L'esclavage en Guyane entre l'occultation et la revendication. L'évolution de la représentation de l'esclavage dans la société guyanaise, (1848-1997)*, Guyane, Ibis Rouge Editions.
- Mam Lam Fouck, S. 1999. *La Guyane française au temps de l'esclavage, de l'or et de la francisation 1802-1946*, Petit-Boug Guadeloupe, Ibis Rouge.
- Pons, A., Serna, J., 2005. *La historia cultural - autores, obras, lugares*. Madrid : Ediciones Akal.
- Valdés, M., Hutcheon, L. e Kadir, D., 1994. Uma história comparada das formações culturais: Literaturas Latino-Americanas ou Literary History Comparatively. *American council of Learned Societies Occasional Papers*, nº 24.